



Projeto Haiti vai construir onze Espaços de Educação e Informação em Saúde no país caribenho.

PÁGINA 9



Fiocruz e Universidade de Princeton discutem formas de cooperação

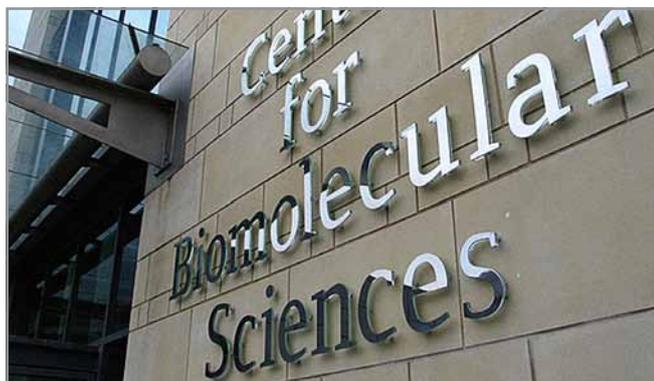
PÁGINA 3



Entrevista: Rets em busca do fortalecimento dos sistemas nacionais de saúde

PÁGINA 10

Parceria tem foco na descoberta de novos medicamentos



■ O Centro de Ciências Biomoleculares da Universidade de Nottingham. Crédito: Universidade de Nottingham

Danielle Monteiro

A Fiocruz vai ampliar sua atuação no campo da descoberta de novos fármacos. A Fundação firmou parceria para o desenvolvimento produtivo com a líder em ensino de ciências farmacêuticas na Europa, a Universidade de Nottingham (Reino Unido). O acordo, assinado em 9 de novembro, vai possibilitar o desenvolvimento de projetos da Fiocruz no *Institute of Cell Signalling* (Instituto de Sinalização Celular), pertencente à universidade. As duas instituições também vão promover ações conjuntas na formação de pessoal de nível superior e no intercâmbio em ciência, tecnologia e inovação.

Segundo o vice-presidente de produção e inovação em saúde da Fundação, Jorge Bermudez, a parceria para o desenvolvimento produtivo, que está alinhada com as diretrizes de pesquisa para o SUS e com a relação de medicamentos prioritários, será muito importante para o sistema de saúde brasileiro, pois vai contribuir de maneira decisiva para a expansão do acesso da população a medicamentos essenciais. “Os investimentos em biotecnologia, oncologia e nanotecnologia são cruciais para nos mantermos na ponta em relação aos desafios contemporâneos que enfrentamos para assegurar a saúde como direito de todos e dever do Estado. Parcerias como a estabelecida com a Universidade de Nottingham são indispensáveis para nos assegurar este avanço”, declarou.

A vice-reitora da Universidade de Nottingham, Christine Ennew, também afirma que o acordo vai ajudar a enfrentar os desafios na área de produção de novos fármacos no Reino Unido. “Sofremos com o alto custo de produ-

ção para nossa indústria farmacêutica, o qual encarece as novas terapias. Além disso, nossa população está passando por um processo de envelhecimento e isso requer uma produção ainda maior e mais necessária de novos fármacos. Com a parceria estabelecida com a Fiocruz, uma instituição que tem expertise em transformar pesquisa e descobertas em produção, poderemos produzir, de forma eficiente, ainda mais terapias”, ressaltou.

A parceria com Nottingham ainda abre possibilidades para a colaboração de pesquisadores da Fiocruz com outras áreas nas quais a universidade também é referência, como Biologia Celular, Nanobiotecnologia, Farmacotecnologia, Química Verde, Assuntos Regulatórios, Negócios Internacionais e Saúde Ocupacional. “Com a implantação do Centro de Desenvolvimento Tecnológico em Saúde (CDTS/Fiocruz), e com a atuação de nossos laboratórios que vem trabalhando na ponta da pesquisa biomédica, poderemos ampliar nosso campo de trabalho com Nottingham”, finalizou Luiz Eduardo Fonseca, assessor do Cris. A Fiocruz tem atualmente uma base informal em Nottingham. A oficialização da cooperação entre as instituições torna mais viável a realização de iniciativas conjuntas para a captação de fomento de órgãos internacionais.



■ A presidente de Princeton durante visita à Fundação. Crédito: Peter Illiciev

Fiocruz e Universidade de Princeton debatem cooperação

Danielle Monteiro

A presidente da Universidade de Princeton, dos Estados Unidos, Shirley Tilghman, esteve na Fiocruz, no dia 1º de novembro, para discutir a cooperação com a Fundação. A ideia é, inicialmente, promover o intercâmbio entre docentes e estudantes das duas instituições para a definição das áreas de interesse comuns para que, posteriormente, seja assinado um termo de entendimento entre ambas.

“Nossa intenção é maximizar ações que já foram iniciadas por professores e alunos das duas instituições

e tentar formalizá-las, promovendo, dessa forma, uma cooperação de mão dupla, que implique intercâmbio e parceria em pesquisas”, explicou o co-diretor do Programa em Saúde Global e Políticas de Saúde de Princeton, João Biehl. Durante o encontro, ficou acordado que as duas instituições vão desenvolver parcerias nos campos de ciências sociais da saúde, ciências da vida, saúde global e governança em saúde, e história das ciências e saúde. A parceria com a Fundação faz parte dos esforços de internacionalização de Princeton. “Nossa parceria com a Fiocruz vai acontecer em sinergia com outras de nossas cooperações no Brasil”, contou Biehl.

O coordenador do Cris, Paulo Buss, acredita que a área de governança em saúde e saúde global vem adquirindo um papel cada vez mais relevante para o Brasil, daí a importância do estabelecimento de uma parceria com Princeton nessa área. Segundo ele, a experiência da universidade no campo de biotecnologia em saúde poderá ser referência para a Fiocruz. “O expertise de Princeton nessa área pode trazer uma experiência muito útil para a Fiocruz e para o país, já que estamos implantando na Fundação uma nova unidade (o Centro de Desenvolvimento Tecnológico em Saúde-CDTS) atuante nesse campo”, afirmou.

CRIS INFORMA #3 | NOVEMBRO DE 2012 - Expediente

Coordenadoria de Comunicação Social (CCS) | Edição e redação: Danielle Monteiro com colaboração de Thiago Oliveira | Projeto gráfico e edição de arte: Guto Mesquita | Fotografia: Peter Illiciev e Arquivo CCS | Desenho da capa: Rodrigo Carvalho | Contato: Danielle Monteiro - Tel: (21) 3885-1065 - E-mail: danimonteiro@fiocruz.br

Encontro debate *capacity building* em determinantes sociais da saúde



■ Representantes do Cris e da OMS no encontro sobre desenvolvimento de capacidades em determinantes sociais da saúde. Crédito: Thiago Oliveira

Thiago Oliveira

Representantes do Cris e da Organização Mundial da Saúde (OMS) realizaram um encontro, em 29 e 30 de outubro, para discutir o desenvolvimento das capacidades (*capacity building*) necessárias para cumprir com os compromissos assumidos na Declaração Política do Rio. Uma reunião oficial está prevista para março de 2013 e o objetivo será propor a realização de atividades de cooperação técnica entre uma rede de instituições para apoiar governos neste desenvolvimento.

Os participantes questionaram os melhores mecanismos para a OMS liderar uma iniciativa de cooperação técnica, abordando as necessidades de capacitação nas cinco dimensões para o enfrentamento dos Determinantes Sociais da Saúde (DSS) da Declaração do Rio: fortalecimento da governança, da participação social, do papel do setor saúde, dos sistemas de monitoramento das iniquidades e da coordenação da cooperação técnica.

Os profissionais também levantaram experiências relacionadas às cinco dimensões mencionadas, debateram

sobre os materiais, metodologias e instrumentos de interesse para a iniciativa, pesquisaram instituições do setor saúde e de outros setores que atuam em atividades relacionadas ao projeto e identificaram possíveis fontes de financiamento para atividades previstas. "Vamos buscar recursos de outras fontes, como a Fundação Rockfeller, além de procurar introduzir o tema na agenda da IANPHI (Associação Internacional de Institutos Nacionais de Saúde Pública), redes da Unasul, CPLP e outras", informou o coordenador do Cris, Paulo Buss.

Segunda reunião da Rede de Escolas de Saúde Pública reúne autoridades sul-americanas



■ Representantes de instituições integrantes da Resp durante abertura do encontro. Crédito: Virginia Damas

Tatiane Vargas, Luciene Paes e Danielle Monteiro

Realizada nos dias 18 e 19 de outubro, a 2ª Reunião da Rede de Escolas de Saúde Pública da União de Nações Sul-Americanas (Resp/Unasul) discutiu a governança da formação de recursos humanos para a saúde pelos governos, as experiências exitosas no continente sul-americano e também identificou áreas e temas de cooperação técnica na Resp. Criada em 2009 pelo Grupo Técnico de Desenvolvimento e Gestão de Recursos Humanos do Conselho de Saúde da Unasul, a rede propõe o debate entre as escolas formadoras da região, de forma a fornecer um apoio sistemático ao desenvolvimento dos sistemas nacionais de saúde.

A mesa de abertura do evento foi iniciada por Antônio Ivo de Carva-

lho, diretor da Ensp/Fiocruz, que falou dos primórdios da criação da Resp em 2011 e da importância das quatro redes estruturantes: instituições nacionais de saúde, escolas profissionais de saúde, escolas técnicas de saúde e escolas de saúde pública. “A construção da Rede foi cuidadosa. Ela tem a informalidade e a afetividade que reúnem os amigos. A Resp deve se articular com o campus virtual de saúde pública da Organização Pan-Americana da Saúde (Opas), para ampliar sua abrangência”. A seguir, o representante da Unasul, Felipe Krykhtine, considerou fundamental a formação de redes para melhorar o acesso do usuário ao Sistema Único de Saúde. “Novas escolas médicas são necessárias onde o número de médicos é reduzido, bem como o aumento do número de vagas de residência médica”, disse. Ele também citou diversos programas, como o Profaps, Pro-Saúde

e Provab, que fomentam políticas norteadoras de qualificação e formação de recursos humanos para saúde.

“A saúde e a educação são instrumentos poderosos para integrar o continente. A saúde é significativa, simbólica”, disse Alberto Kleiman, da Assessoria Internacional do Ministério da Saúde. Segundo ele, a atuação de instituições como a Fiocruz, nos campos retórico e técnico, revela o alto comprometimento dos profissionais com o intercâmbio de informações na busca de construção da integração. Para Kleiman, a etapa difícil da integração já passou, não é mais retórica: a Unasul é uma realidade, e um exemplo disso é a Rede.

A coordenadora da Resp, Graziela Ubach, também integrante da mesa de abertura, anunciou o ano de 2016 como meta para que 100% da população do seu país, Uruguai, esteja assegurada pelo sistema de saúde.

Atualmente, o sistema uruguaio é misto (público e privado). “Chegar à total cobertura requer quadros profissionais com formação política e técnica e, também, fortalecimento do Ministério da Saúde”, afirmou.

Encerrando a mesa, o representante da Opas Brasil, Félix Rigoli, disse que a organização deveria se transformar cada vez mais em apoio para os processos horizontais e atuar como facilitador e vendedor da ideia de rede para os países que não tenham o mesmo conhecimento em saúde pública.

Já o coordenador do Cris, Paulo Buss, durante sua apresentação sobre os conceitos e práticas das Escolas de Governo em Saúde (EGS), focou na importância do papel desempenhado pelas EGS no atual cenário vivenciado pela América Latina, ainda caracterizado, segundo ele, pela elevada desi-

gualdade social, escasso acesso à água potável e ao saneamento básico, baixas condições de vida e alta exposição a contaminantes ambientais. Para ele, as atuais tendências demográficas e epidemiológicas dos países latino-americanos se configuram nos principais desafios dos sistemas nacionais de saúde. “Esses fatores trazem dificuldades especiais para os sistemas de saúde, que se mostram, tanto econômico como institucionalmente, insuficientes para abordar o rápido aumento de enfermidades não transmissíveis e aspectos sanitários do envelhecimento populacional”, alertou Buss, chamando atenção para a importância das EGS na gestão de saúde, ambiente e políticas para os diferentes ciclos de vida e na gestão intersetorial com o governo com vistas à equidade social e ao desenvolvimento econômico.

Experiências exitosas

Durante a reunião da Resp, foram apresentadas as experiências exitosas da Venezuela, do Uruguai e do Brasil, em mesa coordenada pelo diretor da Escola de Saúde Pública do Chile, Oscar Arteaga. Tulia Hernandez, do Instituto de Altos Estudos em Saúde Dr. Arnoldo Gabaldón (IAE) da Venezuela, destacou a importância das cooperações técnicas com o Brasil e a Bolívia para viabilizar a implementação do IAE em 2011. O objetivo principal do projeto com duração de um ano foi fortalecer o ensino, a pesquisa científica e o desenvolvimento de talentos humanos para a consolidação do Sistema Nacional de Saúde Pública. A Fiocruz foi responsável por 95% do financiamento, e o restante coube ao IAE. Segundo Tulia, atualmente estão sendo construídas bases para reestruturar o IAE como Escola de Governo em Saúde (EGS), para, assim, atender às demandas das comunidades e da saúde pública nacional.

A apresentação seguinte ficou a cargo de Graciela Ubach, representante do Uruguai. Segundo ela, o país está no início do processo de trabalho para constituição de uma EGS. Ela considera que a reforma do Estado, em 2008, marcou, do ponto de vista jurídico, a reforma da saúde pública no país. “O Ministério da Saúde tomou para si, há dois anos, a condução do sistema de saúde. O apoio da Ensp/Fiocruz foi fundamental.”

A coordenadora da Rede de Escolas e Centros Formadores em Saúde



O diretor da Escola de Saúde Pública do Chile, Oscar Arteaga, coordenou a mesa sobre as experiências exitosas do Brasil, Venezuela e Uruguai. Crédito: Guilherme Kanno

Pública, Tânia Celeste Nunes, em sua exposição afirmou que, num país de território amplo como o Brasil, a formação e a expansão dessa rede são mais fáceis. Ela disse que hoje a Rede, com cinco anos de existência, conta com 45 escolas nas cinco regiões do país. “Temos adesões frequentes dada a dinâmica que a Rede assumiu.” A Rede, de acordo com Tânia, também se beneficiou de um sistema de saúde que tem tendência associativa, o que permeia as práticas de saúde nas diferentes esferas de governo: municipal, estadual e federal. A Rede atua na formação de docentes, dirigentes e jornalistas que atuam na comunicação das escolas e centros formadores. Em três anos, formou 10 mil alunos. O próximo passo, explicou Tânia, é a implantação da acreditação pedagógica para regulamentar a qualidade dos processos formativos lato sensu para consolidação do SUS.

Mapeamento da Educação em Saúde Pública na América do Sul

O secretário executivo da Resp/Unasul, Antônio Ivo de Carvalho, apresentou o Mapeamento da Educação em Saúde Pública na América do Sul, que foi deliberado em 2011 no Paraguai. Ele explicou que o enfoque é preliminar e será continuado e aprofundado em relação ao parque formador em saúde pública. O levantamento de instituições públicas e privadas, perfis e cursos foi realizado via web nos diretórios das instituições universitárias de ensino superior e das escolas de saúde pública dos países integrantes. A análise, por sua vez, baseou-se nos estudos da pesquisadora Eliana Labra, da Ensp. A metodologia foi aplicada em 12 países sul-americanos (Argentina, Brasil, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname, Uruguai e Venezuela) e considerou como base o último trimestre de 2011, abrangendo cursos de pós-graduação (especialização, mestrado e doutorado).

Como resultado, foram identificadas 304 instituições de ensino, nas quais existem 528 cursos de especialização, 332 de mestrado e 102 de doutorado. Do total, 41% das instituições estão concentradas no Brasil. Dos dados também se extraiu a informação de que, na maioria dos países, há predominância de cursos de especialização, exceto no Paraguai, no Peru e no Suriname. Durante o debate, Antônio Ivo disse que o levantamento foi apenas quantitativo e, num segundo momento, matizará mais os dados no âmbito dos países.

“Nossa experiência no Brasil, por exemplo, distingue oferta de oportunidade no mestrado e doutorado. A capacitação é mais voltada para profissionais que trabalham nos serviços de saúde. O financiamento da EGS não é buscado na demanda, dialoga com a instituição gestora, inverte a ideia de financiamento por projeto.” Seu exemplo foi a Universidade Aberta do SUS, rede que inclui 18 universidades e na qual o Ministério da Saúde se prepara para alocar recursos, de acordo com uma pactuação estabelecida pelo Estado para atender ao sistema público.

Avanços e desafios da formação em saúde pública

Para cumprir com o compromisso de fortalecer a formação de profissionais em saúde pública na área de pós-graduação nos países integrantes da Unasul, os representantes dos institutos de governança em saúde presentes no encontro debateram os principais avanços e fragilidades da área em seu país.

O diretor da Escola de Saúde Pública Dr. Salvador Allende, Oscar Arteaga, destacou a presença fortalecida de equipes de saúde multiprofissionais, além da tradicional atenção médica em zonas rurais e a boa qualidade de formação em graduação e pós-graduação, como pontos fortes da formação em saúde pública no Chile. No entanto, conforme narrou, ainda há deficiências na área que precisam ser superadas. Entre elas, a concentração de centros formadores na região metropolitana, a excessiva rotação de profissionais no campo de atenção à saúde e sua migração do setor público ao privado e a limitada capacidade formadora de centros de formação acreditados. “O país requer maior formação em áreas relevantes para o setor de saúde, como anestesiologia, oftalmologia, geriatria, saúde mental e gestão hospitalar”, revelou.

O multiemprego, o número desigual de profissionais especializados e a concentração de médicos na capital do país foram citados entre as principais fragilidades na formação em saúde no Uruguai. Para Graciela Ubach, representante do país e coordenadora da Resp, um dos principais desafios está no campo da atenção primária em saúde. “A estratégia de atenção primária, que implica o desenvolvimento harmônico dos três níveis de atenção à saúde, se reduz à atenção de primeiro nível em nosso país”, alertou. Apesar dos desafios, para ela, o país avançou em algumas questões. “Dispomos de muitas instituições de saúde especializadas e de um bom modelo de gestão e financiamento nesse campo”, afirmou.

A discrepância entre o número de profissionais de saúde atuantes nos centros urbanos e nas áreas rurais também é uma das fragilidades do campo de formação de RH em saúde pública na Bolívia. Para solucionar o problema, o governo criou o ano do serviço social obrigatório, estabelecendo que o mé-

dico especialista recém-formado atue em sua especialidade em um hospital de área rural durante doze meses. “Com essa medida, reduzimos o gasto financeiro dos pacientes das zonas rurais, anteriormente obrigados a se deslocar às áreas urbanas, aumentamos a presença de médicos especialistas nas províncias e diminuímos a saturação dos hospitais urbanos”, contou a diretora da Escola Nacional de Saúde Pública da Bolívia, Maria Isabel Fernandes. A medida faz parte do modelo de saúde instituído em 2006 pelo país. “A Bolívia está trocando seu antigo modelo assistencialista, fragmentado e excludente para um sistema único e integrado baseado em um modelo familiar e comunitário cujo foco é a atenção, a prevenção e a promoção da saúde”, explicou.

Assim como a Bolívia, a Venezuela adotou um novo modelo de desenvolvimento que, segundo Tulia Hernández, do Instituto de Altos estudos Dr. Arnoldo Gabaldon, trouxe diversos benefícios para o campo de formação de profissionais em saúde. Entre eles, o aumento de matrículas e a formação em saúde fora dos espaços tradicionais de educação e a garantia de inclusão laboral dos recém-formados. “Com a implantação desse novo modelo, que tem um enfoque mais humanista e defende a saúde e a educação como direitos fundamentais da população e obrigação do Estado, conseguimos inserir, no mínimo, 90% dos recém-formados em saúde no mercado de trabalho”, afirmou. Como desafios, ela citou a necessidade de oportunidades de especialização em áreas geradoras de benefícios econômicos, a deficiência de especialistas em saúde pública, a limitada capacidade acadêmica de centros de formação, a migração de profissionais recém-formados no setor público para o privado e a presença de cursos descontextualizados da realidade do país.

Já na Guiana, os desafios são diferentes. Para Madan Rambaran, diretor da Escola de Medicina da Universidade da Guiana, o país ainda precisa avançar no que diz respeito ao financiamento e à oferta de oportunidades de formação em saúde. “Somos um país pobre e de poucos recursos, não podemos ainda atender a toda a população”, disse. Embora ainda precise solucionar esses problemas, o campo nacional de

formação de RH tem seus pontos fortes, segundo ele. “Nossa universidade tem muitas parcerias com instituições renomadas como a Universidade de Toronto e de Columbia”, destacou.

O diretor de normatização do Ministério de Saúde Pública do Equador, Iván Palacios, chamou atenção para as mudanças no campo de formação de profissionais em saúde com a instituição de uma nova constituição no país. “O Estado está investindo mais no talento humano adotando uma série de medidas, como a implementação da jornada de trabalho de oito horas em substituição à de quatro horas para os profissionais de saúde, fazendo com que trabalhem somente em um local. Com isso, aumentamos as ofertas de trabalho na área”, contou. Como desafios, ele destacou a alta taxa de profissionais com contratos ocasionais, a demanda deficiente de especialistas e o número insuficiente de enfermeiros.

Proposta de plano de trabalho

Ao final do encontro, o grupo aprovou a proposta de plano de trabalho da Resp/Unasul para os próximos dois anos, estabelecendo como metas a coleta, o monitoramento e a sistematização de informações referentes ao campo de formação de pós-graduação em saúde em sua interface com a organização do trabalho em saúde; o desenvolvimento das instituições integrantes da rede; a elaboração de propostas de currículos, cursos, material didático, metodologias e programas de formação de docentes; e a discussão de temas para pesquisas na área de saúde, educação e trabalho.

O grupo ainda definiu uma agenda de trabalho que contempla objetivos como a elaboração e execução de cooperações bilaterais, trilaterais e multilaterais pela secretaria executiva da rede e a criação de um grupo de trabalho incluindo o Isags (Instituto Sul-Americano de Governo em Saúde) e o GT de Recursos Humanos da Unasul para a realização de um mapeamento da formação em saúde pública na América do Sul.

Parceria vai construir onze Espaços de Educação e Informação em Saúde no Haiti



■ A coordenadora do projeto de construção dos EEIS, Luisa Pessoa (ao centro), em reunião de trabalho com os arquitetos haitianos Roubens Bruno e Thamar Jerome e as arquitetas brasileiras Ildary Machado e Lucienne Lopes. (Foto: Mayna de Ávila)

Gabriel Cavalcanti e Manoela Andrade

Arquitetos brasileiros e haitianos estão trabalhando juntos para a construção de 11 Espaços de Educação e Informação em Saúde (EEIS) no Haiti, que serão utilizados para o processo de capacitação e formação de recursos humanos desenhado pela Cooperação Tripartite Brasil-Cuba-Haiti. Os três primeiros EEIS devem começar a ser erguidos no início de 2013. Os espaços serão compostos de duas salas de aula com capacidade para 30 alunos cada, um laboratório de informática, uma sala de situação para os epidemiologistas, uma secretaria acadêmica, dois alojamentos com banheiro e uma cozinha.

Para possibilitar e agilizar a construção dos EEIS, foi estabelecida uma parceria entre profissionais da Ensp/Fiocruz e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com dois arquitetos haitianos. A equipe é coordenada pela arquiteta e professora doutora da Ensp, Luisa Regina Pessoa, e terá participação das arquitetas brasileiras Ildary Machado e Lucienne Landeira, além dos arquitetos haitianos recém-formados no Brasil, Roubens Bruno e Thamar Jerome. Os dois profissionais foram contratados esse ano e seu trabalho se encaixa em um processo de educação permanente.

“Sem Roubens e Thamar nos apoiando no Haiti, nosso trabalho de implantação das EEIS levaria o dobro

ou o triplo do tempo para ser concluído. Eles são nossos olhos no país”, afirma Luisa. Para os dois arquitetos haitianos, o trabalho é visto como uma grande oportunidade. “Está sendo um momento de muita aprendizagem como profissional. Estamos adquirindo mais experiência na arquitetura hospitalar e também na manutenção predial, o que era muito necessário aqui no Haiti, pois não há muitos profissionais neste ramo”, explica Roubens.

Segundo Luisa, a iniciativa segue as diretrizes de cooperação internacional adotadas pela Fiocruz: horizontal e estruturante. “Buscamos identificar sistemas construtivos usualmente adotados no Haiti, como o bloco de concreto, e identificamos empresas construtoras também haitianas capacitadas para a execução das obras. A ideia é fortalecer a indústria local e apoiar o desenvolvimento da forma de trabalho haitiana”, explica.

Na bagagem, conhecimento e qualificação

A Cooperação Tripartite Brasil-Cuba-Haiti permitiu que cinco profissionais haitianos passassem seis meses nos laboratórios do IOC/Fiocruz para a realização de um estágio. No dia 8 de novembro, uma cerimônia, realizada no

Cris, marcou o encerramento da experiência. Os especialistas, que atuam no Laboratório Nacional de Saúde Pública (LNSP) do Haiti, tiveram a oportunidade de aprender sobre técnicas de pesquisa que possam ser replicadas no país. Antes da viagem, os haitianos participaram de um curso de língua portuguesa, completando o ciclo básico no Brasil. Uma capacitação em biossegurança também foi oferecida pela Fiocruz para que eles aprendessem as regras básicas para o trabalho em laboratórios.

Chefe do Laboratório de Transmissores de Hematozoários do IOC, Teresa Fernandes, ressaltou a troca cultural como um dos pontos positivos do projeto. Ao lado da pesquisadora Nildimar Alves Honório, ela foi a orientadora de Ricardo Jules. Desde maio, o biomédico realizou estágio em diversos laboratórios do IOC, participou de aulas dos cursos de pós-graduação e acompanhou trabalhos de campo, obtendo conhecimento na entomologia de vetores de várias doenças. “Fizemos um cronograma para que ele pudesse ter uma visão geral das metodologias utilizadas em cada área de pesquisa”, contou Teresa. O conhecimento em entomologia médica será uma grande chance para ele, já que no Haiti existe apenas um entomologista, que está prestes a se aposentar. “Será uma responsabilidade e sei que terei muito trabalho a fazer. Mas estou disposto e quero ajudar o meu país”, concluiu.

Formada em Biomedicina, Mo-lène Cadet vai levar de volta na bagagem tudo o que aprendeu no Laboratório de Virologia Comparada e Ambiental do IOC sobre genotipagem e diagnóstico de rotavírus, além de outros vírus causadores da gastroenterite. O país disponibilizará, em breve, a vacina contra o rotavírus, e a biomédica estará apta a auxiliar em sua implementação. “Com os métodos e técnicas aprendidos nos laboratórios do IOC, especialmente na diferenciação dos vírus de gastroenterites, pretendo contribuir para a saúde pública no meu país”, declarou. O projeto de Cooperação Internacional envolveu, ainda, os Laboratórios de Enterovírus, de Malária e de Flavivírus do IOC.

Fundação inicia nova etapa de cooperação bilateral com Moçambique



■ O diretor (à direita) do INS/Moçambique, Ilesh Jani, e o vice-diretor (à esquerda), Francisco Mbofana. Crédito: Peter Illiciev

Danielle Monteiro e Maritiza Alves

A Fiocruz e o Instituto Nacional de Saúde (INS) de Moçambique iniciaram uma nova etapa de cooperação bilateral. Representantes da Fundação, que já vem desenvolvendo ações conjuntas com o instituto nos últimos cinco anos, se reuniram com o diretor do INS do país africano, Ilesh Jani, nos dias 8 e 9 de outubro, para a definição de uma proposta de plano estratégico de cooperação para o próximo quinquênio. O objetivo é fortalecer o papel do instituto na formulação de políticas nacionais de saúde.

O foco da nova fase da parceria será no fortalecimento da capacidade para o desenvolvimento científico e tecnológico em saúde em Moçambique; no desenvolvimento de modelos de vigilância sindrômica (estratégia que facilita a detecção precoce de potenciais casos de determinada doença, auxiliando na adoção de medidas de prevenção e controle) em áreas prioritárias para a saúde pública dos dois países; na análise dos determinantes sociais em saúde; na avaliação de tecnologias em saúde; e no desenvolvimento institucional do INS e de centros regionais do instituto. Com

a aprovação do plano, prevista para final de novembro, serão desenvolvidas ações nos campos de pesquisa; ensino; vigilância em saúde; informação, comunicação e memória em saúde; sistemas de saúde; e no âmbito da Rede Nacional de Laboratórios de Saúde Pública e da gestão do INS.

Segundo o coordenador do Cris, Paulo Buss, a proposta do plano estratégico de cooperação reúne eixos de ação e macroprojetos definidos de acordo com as principais demandas e necessidades do INS e do setor de saúde de Moçambique. Para ele, a parceria vai beneficiar os sistemas de saúde de ambos os países. “Estou muito satisfeito com o resultado desses dias de trabalho. Os eixos de atuação determinados vão reforçar a atuação do INS, que representa a governança do sistema de saúde moçambicano, fortalecendo, com isso, o sistema de saúde do país”, afirmou. Para Ilesh Jani, a nova etapa da parceria adota uma postura mais estratégica, assumindo um caráter diferente da cooperação realizada entre as duas instituições nos últimos cinco anos. “Esta é uma visão mais amadurecida de cooperação que vai permitir que nossas iniciativas sejam pensadas a longo prazo e, com isso, tenham maior impacto”, ressaltou.

Novo grupo de moçambicanos chega a Farmanguinhos

Mais um fruto da cooperação bilateral da Fiocruz com Moçambique. A Sociedade Moçambicana de Medicamentos (SMM), fábrica de antirretrovirais cuja implementação contou com apoio da Fiocruz, enviou mais três representantes ao Brasil para participar da capacitação em Qualidade, iniciada em 5 de novembro em Farmanguinhos. Os profissionais se capacitaram em Gestão e Operacionalização nas Áreas de Garantia e Controle da Qualidade. O curso faz parte do programa de transferência de tecnologia entre o Brasil e Moçambique. O módulo foi financiado pela Agência Brasileira de Cooperação do Ministério das Relações Exteriores (ABC/MRE) e organizado por técnicos de Farmanguinhos.

A farmacêutica Florência Cumaio, que na SMM ocupa o cargo de diretora de Gestão de Qualidade, falou sobre a importância do curso: “Sei que aprenderei bastante. Quero exercer meu cargo focando, também, a parte prática, para que possa auxiliar da melhor forma possível meus colegas de trabalho”. O analista de Qualidade, Massada Xavier, espera aprender muito no curso. “Temos trabalhado juntos na criação dos manuais e dos Procedimentos Operacionais Padrão (POPs) da fábrica de Maputo. Acredito que, após a capacitação, nossa prática será bem melhor”, disse. Também analista de qualidade, Octávia Benzane está ansiosa com o início da capacitação. “É um desafio muito grande, porque o sucesso da SMM depende de nós”, concluiu.



■ Medicamento produzido por Farmanguinhos para o tratamento da malária, uma das doenças negligenciadas que mais afeta populações empobrecidas em países menos desenvolvidos. Crédito Peter Illiciev

Fiocruz e farmacêutica japonesa Eisai: combate a doenças negligenciadas

Renata Moehlecke

A Fiocruz e a farmacêutica japonesa Eisai anunciaram, em 25 de outubro, a assinatura de um acordo colaborativo para o desenvolvimento de novos medicamentos e vacinas para doenças negligenciadas típicas dos trópicos. A parceria terá início com a produção de um medicamento para o combate à malária cerebral, que ocorre quando o protozoário causador da doença adere às paredes dos vasos sanguíneos na região do cérebro,

o que resulta na obstrução do fluxo sanguíneo. Essa complicação no quadro da doença ocorre em aproximadamente 10% dos casos de malária e as taxas de mortalidade aumentam de 25% a 50% no período de 24 a 46 horas após seu aparecimento inicial.

O medicamento será desenvolvido com base no composto E6446, que apresenta o chamado receptor TLR9, o qual desempenha um papel fundamental no reconhecimento de agentes patogênicos no organismo, como bactérias ou vírus, auxiliando o sistema imune do

corpo em sua proteção. Mais de 10 tipos de TLR foram relatados na literatura científica até o momento.

A parceria da Eisai com a Fundação faz parte do compromisso da farmacêutica com a Declaração de Londres, um esforço coordenado de diversas companhias e organizações sem fins lucrativos mundiais para erradicar, até 2020, a partir de acordos público-privados, 10 doenças tropicais negligenciadas, como a leishmaniose, a doença de Chagas, a hanseníase e a doença do sono.



■ Félix Rígoli conduz o II Ciclo de Debates sobre Bioética, Diplomacia e Saúde Pública, promovido pelo Nethis. Crédito: Susana Damasceno

“O altruísmo não prevalece nas relações entre os países”, afirma coordenador da Opas

Valéria Padrão

A diplomacia e a cooperação internacional têm base no comportamento e no conjunto de relações coletivas, biológicas e psicológicas e refletem relações humanas, da pátria e da família”, observou Félix Rígoli, gerente da Área de Sistemas de Saúde e coordenador da Unidade Técnica de Recursos Humanos e das áreas de Serviços de Saúde, Medicamentos, Tecnologia e Inovação em Saúde da Organização Pan-Americana da Saúde (Opas/OMS).

Rígoli foi o expositor da última sessão de 2012 do II Ciclo de Debates sobre Bioética, Diplomacia e Saúde Pública, realizado pelo Núcleo de Estudos sobre Bioética e Diplomacia em Saúde (Nethis/Fiocruz/UnB/Opas), que

abordou o tema *Solidariedade versus interesses nacionais no contexto de comunidade de países*.

Para ele, o altruísmo não prevalece nas relações entre os países, o oferecimento de ajuda espelha autointeresse ou conveniência. Quando um governo decide ajudar determinado país, ele tira recursos de sua população, independente de ela querer ou não, prevalecendo o interesse político do governo. No caso do Brasil, observou que o altruísmo do estado é exercido apesar de o país ainda ter cerca de 6 milhões de pessoas carentes, na miséria.

Os grupos humanos reagem em autointeresse em situações adversas, conforme observou. Rígoli disse existir diversos tipos de altruísmos. Há o altruísmo obrigatório, onde a solidariedade é forçada. Exemplos são os

sistemas previdenciários e a destinação de recursos no orçamento para cooperação internacional. Há também o altruísmo institucionalizado quando a sociedade promove ajuda a determinados grupos, caso da reserva de assentos para idosos, grávidas e deficientes em transportes públicos.

O Ciclo de Debates sobre Bioética, Diplomacia e Saúde Pública vai para a sua terceira edição em 2013. É uma atividade mensal, que ocorre sempre na última quinta-feira de cada mês, no auditório interno da Fiocruz Brasília. Em cada sessão, profissionais que se destacam nas áreas da Bioética, da Saúde Pública e das Relações Internacionais são convidados a conduzir as discussões. O objetivo é fomentar a reflexão e o desenvolvimento de estudos científicos no campo interdisciplinar.

Embaixadora do Brasil em Moçambique visita a Fundação



■ A nova embaixadora do Brasil em Moçambique, Ligia Schere, em conversa com o coordenador do Cris, Paulo Buss. Foto Peter Illiciev

A nova embaixadora do Brasil em Moçambique, Ligia Schere, esteve com gestores da Fundação, em 1º de novembro, para conhecer o trabalho da Fiocruz e discutir diferentes formas de parceria com vistas ao desenvolvimento do sistema de saúde do país africano. “A Fundação adota um modelo de cooperação estruturante, e, com isso, sabe escutar as expectativas de seus parceiros”, afirmou ela.

O presidente da Fiocruz, Paulo Gadelha, alertou para a necessidade de se pensar a cooperação da Fundação com Moçambique em uma dimensão mais ampla e integrada. “É importante

que cada projeto resultado dessa parceria faça parte de um plano integrado e de um contexto mais amplo da cooperação”, sugeriu. Para o diretor do escritório da Fiocruz na África, José Luiz Telles, desenvolver as ações dentro de um plano integrado é o principal desafio da parceria. “É preciso abandonar a visão de projetos pontuais e os articularmos nessa visão sistêmica e integrada, que, em última instância, representa o fortalecimento dos sistemas nacionais de saúde para lidar com os problemas de saúde locais”, propôs.

Danielle Monteiro

Comissão pró INS/Cabo Verde em visita à Fiocruz



■ A Comitativa do INS/Cabo Verde em visita à Fiocruz. Foto Peter Illiciev

A comissão de Cabo Verde encarregada de implantar um Instituto Nacional de Saúde (INS) no país africano visitou a Fiocruz, em 1º de novembro, para conhecer o trabalho da Fundação e utilizá-lo como referência na instalação do órgão. A iniciativa faz parte da cooperação estabelecida entre os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (Palops), na qual a prio-

ridade é apoiar a criação e o fortalecimento dos Institutos Nacionais de Saúde dos integrantes do bloco regional. A previsão é de que, até o final de 2013, o instituto seja implantado em Cabo Verde.

Após a concretização da iniciativa, o órgão fará parte da Rede de Institutos Nacionais de Saúde da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (Rins/CPLP), criada com vistas ao desenvolvimento das políticas e dos sistemas nacionais de saúde. “A partir de então, vamos apoiá-los na formação de recursos humanos e na obtenção de recursos de organizações financeiras internacionais”, revela o coordenador do Cris, Paulo Buss.

Danielle Monteiro

Workshop Os BRICS e a Cooperação Sul-Sul

No dia 26 de outubro, o BRICS Policy Center, em parceria com o Departamento de Desenvolvimento Internacional do Reino Unido (DFID), realizou o Workshop Os BRICS e a Cooperação Sul-Sul. O propósito do evento foi apresentar e discutir questões sobre o papel da cooperação Sul-Sul no campo das relações internacionais para o desenvolvimento econômico e analisar as práticas dos países BRICS no campo em questão. Os painéis foram sobre a Cooperação Sul-Sul (CSS), suas tendências e dilemas que dizem respeito à interação entre as práticas de cooperação internacional dos países BRICS; as características e particularidades dos BRICS na cooperação Sul-Sul; e a Cooperação Sul-Sul e o futuro da Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (CID).

O Cris esteve representado por seu coordenador geral, Paulo Buss, e pelo assessor Luiz Eduardo Fonseca. Buss fez uma apresentação sobre os BRICS e a Cooperação Sul-Sul em saúde que faz parte de um capítulo de livro homônimo, escrito em conjunto com José Roberto Ferreira e Claudia Hoisch, ambos do Cris, com data de publicação prevista para dezembro.

Thiago Oliveira

Novas diretrizes para o uso de antirretrovirais

Pesquisadores e membros de instituições de diversos países vão se encontrar entre 10 e 13 de dezembro, em Genebra, Suíça, com o propósito de atualizar as últimas recomendações, propostas em 2010 pela Organização Mundial da Saúde (OMS), para o uso de antirretrovirais no tratamento e prevenção do HIV em crianças, adolescentes e grávidas. A intenção é auxiliar os países na tomada de decisões estratégicas no uso dos medicamentos. Pela Fiocruz, participará do evento a Dr. Beatriz Grinsztejn, do Ipec.



■ Representantes de instituições na oficina de Construção de Cenários do projeto EU-LAC Health. Crédito: EU-LAC Health

Projeto EU-LAC Health

Durante os dias 22 e 23 de outubro, foi realizada, em Buenos Aires, Argentina, a primeira oficina de Construção de Cenários (Scenario Building Workshop) do projeto EU-LAC Health. Instituições parceiras, especialistas e consultores de mais de dez nacionalidades se encontraram para discutir possíveis áreas de colaboração em pesquisa em saúde, além das ferramentas para articular essa colaboração no futuro. A análise dos diferentes cenários de cooperação entre as duas regiões renderam informações para o desenvolvimento de um futuro guia para

a cooperação em pesquisa em saúde entre os países do continente. Pela Fiocruz, participaram Miryam Minayo, do Cris, e Cristiane Quental, da Ensp.

O EU-LAC HEALTH foi criado para a definição de um plano detalhado a fim de guiar gestores governamentais e partes interessadas em ações com vistas à pesquisa conjunta em saúde entre a América Latina, países caribenhos e a União Europeia. O segundo workshop de construção de cenários será realizado em Roma, Itália, em abril de 2013.

Fonte: www.eulachealth.eu/

Convenção Internacional de Saúde em Cuba

A Convenção Internacional de Saúde vai acontecer em Havana, Cuba, de 3 a 7 de dezembro. Promovido por organizações internacionais, como a Organização Mundial da Saúde e Organização Pan-Americana da Saúde, e pelo Ministério da Saúde de Cuba, o evento vai propor a reflexão sobre a saúde pública do século 21 a partir da temática Pela Saúde e Bem-estar de Todos. Na pauta, temáticas

como políticas, estratégias, organização e bases econômicas sustentáveis; renovação da atenção primária em saúde e suas implicações nos serviços de saúde; formação dos profissionais e técnicos do setor; e valores ético-morais, pesquisa científica e inovação no desenvolvimento dos sistemas nacionais de saúde.

Fonte: Opas

Congresso de La Redbioética Unesco

Entre os dias 29 de novembro e 1º de dezembro, a Fiocruz Brasília recebeu o IV Congresso de La Redbioética para América Latina e Caribe da Unesco, que teve como tema Bioética, Direitos Humanos e Inclusão Social. O evento teve a presença de 25 especialistas da Noruega, Argentina, Chile, Colômbia, República Dominicana, Uruguai, Peru, Jamaica e Cuba, considerados os melhores da área de todo o subcontinente, além de representantes de universidades e programas de Bioética do Brasil. No evento foram debatidos os conflitos éticos dos mais diversos assuntos: diplomacia em saúde, cooperação Sul-Sul, direitos humanos, religião, pesquisa, novas tecnologias, células-tronco, meio ambiente, diversidade cultural, entre outros.

Fonte: Nethis

Lançado livro sobre sistemas de saúde na América do Sul



■ O livro **Sistemas de Saúde na América do Sul** é apresentado pela chefe de gabinete do Isags, Mariana Faria, durante encontro da Resp, ocorrido na Ensp/Fiocruz.

O Instituto Sul-Americano de Governo em Saúde (Isags) lançou o livro **Sistemas de Saúde na América do Sul: desafios para a universalidade, a integralidade e a equidade**. Fruto do trabalho conjunto dos doze países integrantes da União de Nações Sul-Americanas (Unasul), a publicação traça um amplo panorama dos sistemas de saúde do continente, apontando os desafios na atenção à saúde às populações sul-americanas orientada pelos princípios de universalidade, integralidade e equidade. O livro está organizado em 14 capítulos e conta ainda com uma introdução do ex-ministro da Saúde e diretor executivo do Isags, José Gomes Temporão. A publicação pode ser encontrada em versão digital no endereço: <http://isags-unasul.org>

Fonte: Isags

Encontro com o Sabin Vaccine Institute

O embaixador Michael Marine, diretor executivo do Sabin Vaccine Institute, esteve em visita à Fiocruz no dia 22 de outubro. Recebido no Cris, Marine veio explorar possíveis cooperações com a Fundação e conhecer a participação da Fiocruz no plano de integração nacional brasileiro, do Ministério da Saúde, para o controle e a eliminação de doenças tropicais negligenciadas, como hanseníase, verminoses, oncocercose, esquistossomose, filariose e tracoma.

O coordenador do Cris, Paulo Buss, explicou sobre os planos do Brasil através do Ministério da Saúde e da Fiocruz e como ele será compartilhado nas Américas e em países de língua

portuguesa na África. Ele também sugeriu levar o debate sobre doenças negligenciadas para o foco da Associação Internacional de Institutos Nacionais de Saúde Pública (IANPHI) e das Redes de Institutos Nacionais de Saúde da Unasul e da CPLP, já que as organizações têm prioridade nestas enfermidades. O embaixador mostrou-se otimista com a participação e apoio da Fiocruz. "Estou confiante que, com nosso comprometimento e visão alinhadas no mesmo objetivo, conseguiremos transformar nossas propostas em ações", afirmou.

Thiago Oliveira

Dilma em defesa da cooperação internacional

Em discurso realizado na abertura da 67ª Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), ocorrida em Nova York, Estados Unidos, a presidente Dilma Rousseff chamou atenção para o desequilíbrio econômico no cenário mundial e propôs um pacto entre as nações da ONU pelo crescimento internacional. Ela defendeu que "na multipolaridade entre os países, é preciso trabalhar para que a cooperação predomine sobre o confronto, o diálogo se imponha à ameaça e a solução negociada chegue sempre antes e evite a intervenção pela força".

Assista ao discurso
aqui

curtas



2º CONGRESO LATINOAMERICANO
Y DEL CARIBE SOBRE SALUD GLOBAL

Congresso sobre Saúde Global

Entre 9 e 11 de janeiro, será realizado, em Santiago, Chile, o 2º Congresso latino-americano do Caribe sobre Saúde Global. Promovido pela Aliança Latino-americana de Saúde Global e a Escola de Saúde Pública da Universidade do Chile, o evento tem por objetivo compartilhar conhecimentos e fortalecer alianças para a educação, investigação e defesa em prol da saúde global da região. O encontro já está com inscrições abertas:

www.congresosaludglobal.uchile.cl

Documento final da Cúpula dos Povos

Além do documento final da Rio+20 (www.uncsd2012.org/thefuturewewant.html) - que graças ao esforço da Fiocruz e de outros órgãos e instituições registra a importância da saúde no desenvolvimento sustentável - também está disponível para download a versão atualizada do documento final da Cúpula dos Povos. O documento engloba os principais eixos discutidos durante as plenárias e assembleias e expressa as intensas mobilizações ocorridas de 15 a 22 de junho, no Rio de Janeiro. A intenção é instigar os povos, movimentos e organizações a dar continuidade às lutas e construção de alternativas em seus territórios, regiões e países. Acesse o documento **aqui**.

Fonte: www.sauderio20.fiocruz.br

oportunidades de treinamento

Doutorado em Direitos Humanos, Saúde Global e Políticas da Vida

Estão abertas, até 21 de dezembro, as inscrições para o doutorado internacional Direitos Humanos, Saúde Global e Políticas da Vida, fruto do convênio entre a Fiocruz e o Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (Portugal). O curso terá 20 vagas ao total, sendo 10 oferecidas pela Fundação, segundo os programas participantes a partir das linhas de pesquisa, e as restantes pelo CES/Portugal. O doutorado é coordenado no Brasil por Maria Cristina Guilam, coordenadora-geral de pós-graduação da Fiocruz e em Portugal por Boaventura Souza Santos, diretor do CES. Os interessados devem se inscrever através da Plataforma Sigas Stricto Sensu

neste link

Mestrado Profissional em Educação Profissional em Saúde

A Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/Fiocruz) está oferecendo, para 2013, duas vagas para o programa de pós-graduação no curso de mestrado profissional em Educação Profissional em Saúde destinadas a candidatos oriundos de países africanos de língua oficial portuguesa (Palop). O período de inscrições se encerra em 14 de dezembro de 2012. Os interessados devem preencher o formulário eletrônico, disponível no site da Plataforma Siga (www.sigass.fiocruz.br), o qual, posteriormente, deverá ser impresso, assinado, escaneado e encaminhado, juntamente com a documentação exigida na inscrição, para cpgeps@fiocruz.br.

**Mais informações
aqui**

Bolsas de estudo em Ciências da Saúde

Instituições internacionais vinculadas à área de saúde divulgaram recentemente novas oportunidades de bolsas de estudo em pesquisa biomédica e comportamental. Há vagas para estudantes de graduação e de pós-graduação, profissionais de saúde, entre outros. As oportunidades foram publicadas no site do Centro Internacional Fogarty (*Fogarty International Center*, em inglês), pertencente aos Institutos Nacionais de Saúde (*National Institutes of Health – NIH*, em inglês)

neste link

Pós-Graduação

entrevista

ANA BEATRIZ DE NORONHA

RETS em busca do fortalecimento dos sistemas nacionais de saúde



Em 1996, durante as reuniões promovidas pelo Programa de Recursos Humanos da Organização Pan-Americana da Saúde (Opas/OMS), no México e em Cuba, foi criada a Rede Internacional de Educação de Técnicos em Saúde (RETS), uma articulação entre instituições e organizações vinculadas direta ou indiretamente à formação e qualificação de técnicos em saúde nas Américas e no Caribe, nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (Paop) e Portugal.

Com a premissa de fortalecer os sistemas nacionais de saúde, a RETS, que tem a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/Fiocruz) como Secretaria Executiva, tem como principais objetivos: possibilitar a cooperação técnica e a colaboração entre seus membros; difundir informações resultantes de pesquisas sobre os técnicos em saúde; potencializar o acúmulo de conhecimento, estimulando a integração entre docentes, pesquisadores, planejadores, administradores e prestadores de serviço; e identificar as necessidades educacionais, de formação e de outros requisitos básicos das diferentes especialidades técnicas existentes. Em entrevista ao CrisInforma, a responsável pela Secretaria Executiva da Rede, Ana Beatriz de Noronha, contou sobre a trajetória da iniciativa e revelou suas principais conquistas e os desafios para o alcance de suas metas.

Que motivos levaram à criação da Rede Internacional de Educação de Técnicos em Saúde (RETS)?

Ana Beatriz: A partir dos anos 50, a cada vez mais acelerada evolução tecnológica e o conseqüente avanço dos conhecimentos acabaram resultando em novas divisões do processo de trabalho em saúde demandando a incorporação pelos sistemas de um crescente número de técnicos em saúde. Isso serviu de estímulo ao surgimento desordenado de inúmeras instituições formadoras, muitas das quais de questionável qualidade que formavam esses trabalhadores apenas para suprir as necessidades de mercado. Ainda que os processos de emergência, formação e inserção nos serviços desses profissionais variem bastante de país para país, acabaram surgindo algumas preocupações comuns que foram levadas à Organiza-

ção Pan-Americana da Saúde (Opas/OMS) pelos países. Lá por meados dos anos 70, tudo isso ocasionou a criação, no âmbito do Programa de Recursos Humanos da Opas, de uma linha de trabalho voltada para esse segmento de trabalhadores. Foram realizadas reuniões em vários países sobre o tema, muitos problemas foram identificados, mas pouco se avançou.

Em 1995, já num contexto bem diferente, no qual a maioria dos países tentava reorganizar seu sistema nacional de saúde com base na Atenção Primária e segundo o conceito de equidade, entre outros, a Opas retoma essa discussão e coordena um importante estudo regional sobre a situação da formação do pessoal técnico em saúde. O estudo, que reuniu 70 centros de 16 países, identificou inúmeros problemas, dentre os quais, sérias deficiências nos processos de planejamento de recursos humanos, especialmente no que dizia respeito aos técnicos, inexistência de informação sistematizada sobre educação e trabalho desses profissionais e desatualização dos planos de estudo, que se encontravam completamente descolados das novas necessidades impostas pela reforma do setor.

Na expectativa de tentar buscar soluções para esses problemas, a Opas propôs, então, a criação de uma rede internacional de educação de técnicos em saúde capaz de potencializar o conhecimento e a experiência acumulada nos países. A criação oficial da RETS acabou acontecendo na Cidade do México, em julho de 1996, durante um encontro que reuniu representantes do Brasil, da Colômbia, da Costa Rica, de Cuba e do México.

Quais eram, naquela época, os principais desafios e problemas que precisavam ser solucionados nessa área?

Ana Beatriz: Eram muitos, dentre eles, a carência de materiais didáticos específicos, a falta de programas de formação permanente e de perspectivas de evolução profissional e a desvalorização sistemática do papel dos técnicos nos processos de trabalho. Na verdade, até mesmo a definição do termo "técnico em saúde" era bastante problemática. No âmbito da RETS, os técnicos em saúde são todos os trabalhadores que exercem atividades técnico-científicas no setor. Nesse sentido, podem ser considerados desde os agen-

tes comunitários de saúde e os auxiliares, responsáveis por atividades de natureza mais simples, até os tecnólogos e técnicos de nível superior, que realizam atividades de natureza mais complexa. Essa definição, que não está associada apenas ao grau de escolaridade desses trabalhadores, como é feito usualmente, é fundamental para a existência da Rede. Ela possibilita o trabalho conjunto e a troca de experiências entre instituições de países com realidades bastante diversas no que se refere à nomenclatura das profissões técnicas, às funções que esses trabalhadores desempenham, aos saberes que devem adquirir em sua formação e aos níveis escolares nos quais estão inseridos.

Que mudanças/melhorias já foram feitas de lá para cá para solucionar esses problemas?

Ana Beatriz: Certamente já houve algumas melhoras, mas eu acredito que elas sejam bastante pontuais. A situação ainda é muito distinta nos países, pois guarda estreita relação com os contextos social, político, econômico e cultural que definem os diferentes sistemas educacionais nacionais, bem como com as características que o trabalho em saúde assume em cada caso. Apesar de vários documentos destacarem que os técnicos em saúde exercem um papel fundamental nas ações curativas e preventivas e que eles assumem uma responsabilidade crescente no âmbito dos sistemas nacionais de saúde, ainda não há uma clareza sobre quem são esses trabalhadores. A própria Organização Mundial da Saúde (OMS), em seu relatório 2003, chama atenção para os diferentes níveis de formação e para a diversidade de títulos utilizados para designar esses profissionais, que constituem um contingente expressivo da força de trabalho do setor.

Se considerarmos o conjunto de países, encontraremos titulações distintas para profissionais com formação similar ou ainda uma mesma denominação aplicada a profissionais com diferentes formações e atribuições. Toda essa confusão conceitual acaba dificultando bastante a coleta e a sistematização de informações sobre esses trabalhadores, dificultando bastante a formação de conhecimento sobre o tema e a solução dos problemas que existem. Hoje, nós ainda temos poucos estudos sobre questões relaciona-

das aos técnicos de saúde e muita dificuldade para universalizar as discussões que poderiam resultar no aprimoramento dos cursos de formação, na melhoria de condições de trabalho desse pessoal e até mesmo em ações mais eficientes de cooperação internacional.

De que forma a criação de uma rede de educação de técnicos em saúde pode contribuir para a solução desses problemas?

Ana Beatriz: As redes costumam funcionar como espaços privilegiados de troca de informação e de intercâmbio de experiências. Essas trocas, por sua vez, tendem a desenvolver competências e a aumentar os canais de negociação entre os diferentes atores que formam a rede. Para o médico sanitário argentino Mario Rovere, as redes facilitam a criação de vínculos entre seus membros. Segundo ele, o simples fato de saber que o outro existe acaba gerando aceitação; saber o que o outro faz, por sua vez, supõe e gera interesse; a colaboração, ainda que esporádica entre os membros, tende a gerar reciprocidade; a cooperação e o compartilhamento de experiências é capaz de desenvolver uma atitude de solidariedade; e, finalmente, a associação em iniciativas conjuntas surge a partir da confiança que se estabelece entre eles.

Qual a importância do papel exercido pelos profissionais técnicos de saúde e de sua qualificação para o desenvolvimento dos sistemas nacionais de saúde?

Ana Beatriz: O papel dos técnicos é fundamental para a existência dos sistemas nacionais de saúde, em todos os seus níveis de complexidade. Desde os agentes comunitários de saúde até os técnicos responsáveis pelos mais sofisticados exames de diagnóstico. Isso sem contar, por exemplo, a presença cada vez mais forte dos técnicos na área de gestão. Os técnicos são maioria nos sistemas de saúde e não dá para melhorar a qualidade do sistema se não houver técnicos capazes de propor e provocar as mudanças necessárias. Não basta mais que os técnicos sejam apenas aqueles que fazem, que executam tarefas que alguém determina. Eles também têm que ser aqueles que pensam sobre o que fazem e que propõem novas formas de fazer. Os técnicos, hoje, de-

vem conhecer e entender o sistema no qual estão inseridos em sua totalidade. Com a evolução tecnológica e com os novos conhecimentos que surgem constantemente, o trabalho na saúde deixa de ser responsabilidade de apenas um profissional e passa a ser exercido em equipes multidisciplinares. Nesse contexto, a presença de trabalhadores técnica, social e politicamente bem qualificados é realmente primordial.

A Secretaria Executiva da RETS, representada pela EPSJV/Fiocruz, é encarregada de prestar apoio técnico e administrativo para o funcionamento da rede. Quais são as ações previstas pela EPSJV para fazer com que a rede atinja seus objetivos?

Ana Beatriz: O médico, filósofo e ativista da saúde pública, Edmundo Granda Ugalde, era um entusiasta do trabalho em rede e a saúde não deveria ignorar essa nova forma de organização. Apesar de advogar em favor das redes, ele enfatizava que, para funcionar bem, elas dependiam da montagem de um sistema dinâmico de comunicação. Para ele, as redes dependem da informação e são integradas por ela. Nesse sentido, desde 2005, quando assumiu a Secretaria Executiva da RETS, a EPSJV/Fiocruz vem buscando fortalecer as ações de comunicação no âmbito da Rede. Hoje, há a revista e o site da RETS. Além disso, há um boletim eletrônico e o uso das redes sociais para difundir informações de interesse sobre o tema. Não é uma tarefa muito simples, uma vez que todo material publicado pela RETS deve estar em português, espanhol e inglês. Também já estamos construindo um novo site, mais moderno e melhor alinhado aos nossos objetivos e, a partir do final do mês, teremos mais um membro na equipe, o que certamente vai melhorar muito os processos internos e o contato com os membros da Rede. Fora isso, cabe à Secretaria Executiva convocar as reuniões gerais, que se tornam muito importantes para o fortalecimento da Rede. Nós já realizamos a 2ª reunião Geral da RETS, em 1999, e vamos realizar a terceira, provavelmente em meados de 2013.

Em dezembro de 2009, na reunião de criação da Rede de Escolas Técnicas em Saúde da CPLP (RETS-CPLP), que funciona como uma sub-rede da RETS, foram definidos como seus principais objetivos o fortalecimento da infraestrutura física e de

equipamentos das Escolas Técnicas em Saúde pertencentes aos ministérios da saúde dos países da CPLP; o aumento do número e da diversidade dos quadros docentes das escolas e a qualificação desses profissionais; e o desenvolvimento de competências nas áreas de gestão acadêmica e pedagógica. Quais foram as ações de destaque da sub-rede para a concretização desses objetivos? E quais foram os resultados alcançados?

Ana Beatriz: Vale lembrar que as ações propriamente ditas não são da Rede. Elas ocorrem no âmbito da Rede, mas são realizadas pelas instituições. Nesse caso, nós podemos destacar a realização, em maio de 2011, na Escola de Tecnologias de Saúde de Lisboa, um seminário de compartilhamento de experiências de produção de material educativo, coordenado pela EPSJV/Fiocruz e financiado com recursos do Projeto de Apoio ao Desenvolvimento dos Recursos Humanos para a Saúde nos Palop (PADRHS_Palop). Nesse seminário, 15 representantes de Escolas Técnicas e da área de recursos humanos dos Ministérios da Saúde de Angola, Cabo Verde, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe tiveram oportunidade de apresentar um diagnóstico sobre a produção e a utilização de materiais didáticos para a formação de técnico em seu país; discutir a função, a produção e o uso de materiais didáticos, com base em algumas teorias e conceitos que embasam as distintas formas de utilização desses materiais; e realizar a análise de um material didático utilizado por sua instituição, no que se refere à estrutura do texto, ao conteúdo e às atividades propostas.

Também houve a realização do Curso de Especialização em Educação Profissional em Saúde (Ceeps) para os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (Palop), cuja proposta começou a ser discutida na própria reunião de criação da RETS-CPLP e foi aprovada numa reunião ocorrida também na ESTeSL, em abril de 2010. O curso foi construído coletivamente por profissionais da pós-graduação e da cooperação internacional da EPSJV/Fiocruz em mais de um ano de trabalho e apresentou a singularidade de ser itinerante. Esse curso foi um marco, pois o fato de os alunos virem de países diferentes e de cada uma de suas cinco etapas presenciais terem sido realizada

num país representaram uma ótima oportunidade de estreitar laços horizontais de cooperação e fortalecer o intercâmbio não só entre Brasil e os países africanos, mas também dos Palop entre si. O curso teve início em 23 de fevereiro, na Guiné Bissau, e terminou no Rio de Janeiro, no dia 9 de dezembro, com a formatura de 27 alunos.

A RETS-CLPL é integrada pelo Brasil, Portugal e países africanos de língua portuguesa, nos quais os sistemas de saúde são historicamente frágeis. Qual a importância da rede especificamente para o setor de saúde desses países?

Ana Beatriz: A RETS-CPLP trabalha com a ideia de cooperação estruturante, ou seja, com ações de cooperação que consolidem as instituições nacionais que compõem direta ou indiretamente o sistema nacional de saúde dos países participantes. Nesse sentido, a Rede pode contribuir para o aprimoramento do sistema por meio da melhoria da formação da força de trabalho em saúde, no caso especial da RETS, por melhorar a formação dos técnicos em saúde desses países. Em todas as ações desenvolvidas no âmbito da RETS e, consequentemente da RETS-CPLP, reconhecemos os técnicos em saúde como trabalhadores estratégicos para a produção da vida, o que contraria a visão tradicional desses profissionais apenas pela sua capacidade de executar tarefas e não de formular processos e buscar soluções para os problemas. Nós não podemos esquecer que a falta de recursos humanos qualificados é um dos maiores problemas que os países enfrentam para organizar os seus sistemas.

O objetivo geral da Rede de Escolas Técnicas em Saúde da União de Nações Sul-Americanas (RETS-Unasul) é fortalecer a área de formação de trabalhadores técnicos em saúde nos países integrantes do bloco regional, através do intercâmbio de experiências e desenvolvimento de cooperações técnicas. Quais são as ações de destaque dessa sub-rede para alcançar esse objetivo?

Ana Beatriz: Há algumas ações bilaterais em andamento, mas existe uma especial, porque ela pode ser paradigmática. É o carinhosamente chamado Projeto Mercosul, que começou em março de 2007, quando a EPSJV/Fiocruz coordenou a pesquisa intitulada A Educação Profissional em Saúde

no Brasil e nos países do Mercosul: perspectivas e limites para a formação integral de trabalhadores face aos desafios das políticas de saúde. Essa pesquisa, financiada com recursos do CNPq/MS, da própria EPSJV e do TC-41 (OPAS/OMS e Ministério da Saúde), durou cerca de dois anos e resultou, entre outras coisas, na realização, em novembro de 2008, do I Seminário Internacional Formação de Trabalhadores Técnicos em Saúde no Brasil e no Mercosul e na publicação de dois livros chamados A silhueta do invisível: a formação dos trabalhadores técnicos em saúde no Mercosul, que reúne as apresentações realizadas durante o seminário, e A formação dos trabalhadores técnicos em saúde no Brasil e no Mercosul, com o relatório final do estudo. Além disso, subsidiou a redação do Documento de Manguinhos sobre a formação de trabalhadores técnicos em saúde no Mercosul, aprovado ao final do seminário. Os resultados obtidos na pesquisa também contribuíram de forma decisiva para a inclusão desse assunto na pauta do Subgrupo de Trabalho 11 (SGT – 11), responsável pelas questões de Saúde no bloco.

Esse projeto ganhou continuidade com uma nova pesquisa intitulada A Formação dos Trabalhadores Técnicos em Saúde no Mercosul: entre os dilemas da livre circulação de trabalhadores e os desafios da cooperação internacional. O novo estudo tem o objetivo de identificar e analisar a oferta quantitativa e qualitativa de formação de trabalhadores técnicos em saúde na Argentina, Paraguai e Uruguai, de forma convergente com os dados e as análises já produzidas para o Brasil. A ideia é que essa pesquisa multicêntrica, de caráter interinstitucional, possa subsidiar políticas de organização e fortalecimento de sistemas de saúde, de educação e de cooperação internacional entre os países do Mercosul, garantindo a comparabilidade dos estudos nacionais, mas respeitando as especificidades de cada país. Os resultados desse novo estudo serão apresentados, de 28 a 30 de novembro, no II Seminário Internacional Formação de Trabalhadores Técnicos em Saúde no Brasil e no Mercosul, que será realizado na EPSJV.

A proposta agora é tentar ampliar essa pesquisa que, no âmbito do Mercosul, está sendo desenvolvida por equipes nacionais, coordenadas por instituições estratégicas de pesquisa em

cada país - Instituto de Investigación en Salud Pública da Universidade de Buenos Aires, na Argentina; Instituto Nacional de Salud, no Paraguai; e Escuela Universitaria de Tecnología Médica da Universidad de la República, no Uruguai – para os demais países da Unasul.

Conforme destacado na revista RETS, o fortalecimento, e até mesmo a sobrevivência dessas redes, não é fácil. Quais os principais desafios de cada uma dessas sub-redes (RETS-Unasul e RETS-CPLP)? E o que tem sido feito para superá-los?

Ana Beatriz: A maior dificuldade tem a ver com a própria organização das redes, que são formas organizativas reconhecidamente voláteis. Elas mudam sua configuração com muita frequência e isso dá a elas uma fragilidade muito grande. Para que a rede se mantenha forte é necessário um grande investimento no contato com os membros, com o fortalecimento dos laços. E isso nem sempre é possível por conta da escassez de recursos e mesmo de tempo. Nosso grau de institucionalização ainda é baixo, o contato com os órgãos dos ministérios responsáveis pela formação de recursos humanos para a saúde nem sempre ocorre dentro do esperado, até porque a temática da formação de técnicos em saúde nem sempre recebe a devida atenção nos ministérios. Hoje, no âmbito da RETS-Unasul, por exemplo, estamos fazendo contatos com a Assessoria Internacional do Ministério da Saúde (Aisa) do Brasil, a fim de fortalecer os nossos contatos com os demais Ministérios.

Outro problema é a própria rotatividade de pessoal nos ministérios e nas instituições de formação. Muitas vezes, a gente leva muito tempo para estabelecer um bom relacionamento com uma autoridade local e, de repente, há mudanças e temos que recomeçar do zero. Outra dificuldade é conseguir atrair e manter contato com os assessores de recursos humanos das representações nacionais da Opas ou da Afro, no caso dos países africanos. Isso seria importante para dinamizar a rede, mas também não é algo muito fácil de se conseguir por conta de frequentes mudanças nesses organismos. O trabalho não é nada simples, mas, na Secretaria Executiva, nós estamos animados com a possibilidade de construirmos um site mais interativo e mais atraente para os nossos usuários e com a chegada de mais um membro na equipe. ■